

Chase quer solução política para dívida

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — A solução do problema da dívida dos países em desenvolvimento só poderá ser encontrada através de uma efetiva solidariedade ocidental. Tal reivindicação feita por um ministro de Finanças europeu, ou por certos economistas norte-americanos ou ainda por porta-vozes anônimos dos bancos comerciais e até mesmo pelo presidente do Banco Mundial, não constituiria nenhuma surpresa, pois essas áreas já se têm manifestado pela necessidade de uma solução política para o problema da dívida. Tal afirmação seria apenas a repetição do que já vem sendo dito há algum tempo. Mas, desta vez, a declaração ganha importância, pois essa posição passou a ser defendida oficialmente e publicamente por três dos principais dirigentes de um importante banco comercial dos Estados Unidos, nada menos do que o Chase Manhattan Bank: David Rockefeller, presidente do Comitê Internacional Consultativo do Chase; Henry Kissinger, membro desse Comitê e conselheiro do Chase, e pelo próprio Williard Butcher, presidente do banco desde 1981. Os três, em entrevista concedida na última quarta-feira em Paris, não titubearam em exigir uma ação coordenada dos grandes países ocidentais para tentar resolver os problemas dos países mais endividados: "O FMI desenvolveu um combate heróico para impedir a falência de grandes países da América Latina, tais como México e Brasil, e os bancos privados internacionais jogaram admiravelmente o jogo do reescalonamento das dívidas. Mas, não é mais possível para eles ir além. É preciso uma ação coordenada dos grandes países ocidentais para resolver os problemas

desses países, no momento em que seus governos lutam por sua sobrevivência. E essa ação deve ser urgente antes que possam ocorrer acidentes e revoltas populistas graves".

Pela primeira vez, banqueiros privados internacionais vêm a público para expor a necessidade de uma ação coordenada do mundo ocidental, temendo consequências sérias nas áreas política e social dos países endividados. Até agora, essa reivindicação de alguns ministros de Finanças europeus, entre eles Jacques Delors, enquanto ocupou o Ministério da Economia da França e mesmo renomados economistas norte-americanos, não parecia encontrar ressonância junto a essas áreas. Mais recentemente, é verdade, o próprio Henry Kissinger aventurou-se timidamente nesse caminho. Agora, os meios financeiros europeus, tendo em vista a autoridade intelectual e financeira desse trio, interpretam suas declarações como um sinal de que se poderá efetivamente caminhar nessa direção. Encerrada a fase eleitoral nos Estados Unidos, tudo leva a crer que se estuda uma mudança de rumo na área financeira norte-americana e os próprios meios financeiros desse país já admitem que os EUA devam assumir suas responsabilidades por inteiro, desde que seus aliados da Europa Ocidental assumam também sua parte.

O próprio presidente do Chase Manhattan Bank, Williard Butcher, definiu essas responsabilidades mais urgentes que não diferem muito dos discursos do economista Jacques Delors, futuro presidente da Comissão Européia. Antes de mais nada é preciso reduzir o déficit orçamentário norte-americano num prazo relativamente curto, seis meses: aumento da carga fiscal, concebida de tal forma que ela não desencoraje a poupança e o investimento. Isso fatal-

mente provocará uma redução das taxas de juros e terá consequências sobre o dólar que deverá se estabilizar a um nível menos elevado. Isso repercutirá também sobre o déficit comercial. Outra advertência do trio do Chase diz respeito ao dólar: "Uma queda forte e rápida do dólar teria efeitos negativos para os outros países ocidentais, tornando mais difíceis suas exportações para os Estados Unidos, sem diminuir o fluxo de capitais para esse país".

Dívida foi desejo de desenvolvimento

Em relação à dívida dos países em desenvolvimento, Henry Kissinger afirmou que será essencial reconhecer que o endividamento de um certo número de países se deveu apenas ao desejo de desenvolvimento, deixando de lado outras considerações como má administração, corrupção, má determinação de prioridades, como se constatou em alguns países. Ele explica: "Talvez não fosse necessária a construção de todas as inúmeras e enormes barragens no Brasil, mas elas lá se encontram e funcionam".

David Rockefeller, entretanto, deixou claro o tipo de modelo econômico que espera para esses países quando chegar a hora da retomada econômica. Ele cita como exemplo a ser seguido o dos países da margem ocidental do Pacífico, aumentando o espaço da iniciativa privada, facilitando os investimentos das empresas multinacionais e lutando contra o protecionismo. Esse talvez seja o preço para o consenso indispensável que permitirá essa ação coordenada dos países ocidentais em direção às nações endividadas, como pregou o trio do Chase Manhattan Bank na última quarta-feira em Paris.